

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

 Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

 PORTO
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio

 museu
MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Historiografia e Teoria

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004
Vitor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Ruprestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal)
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalhido
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

3. Didáctica da Arqueologia

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também. . . O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

4. Arte Rupestre

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal
Mila Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4^o e 3^o milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarde Fernandes
- 913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território
João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem
Rafael Lima
- 971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 O *Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional
Francisco B. Gomes

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego
Marco Penajóia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa):
o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro,
Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir
de um estudo de caso
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termas de *Mirobriga*
(Santiago do Cacém)
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte
de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole
Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /
Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus
(Vila Nova de Gaia)
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na
Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes

8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio /
Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes /
Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)
Florbel Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

9. Época Moderna e Contemporânea

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos
(Lisboa)
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos
provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínítico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana
de Lisboa (anéis, braceletes e contas)
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia
de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças
do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha
do Alferes, Seixal (século XVI)
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa
de Época Moderna
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos
humanos recuperados
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica
na Rua da Vitória nº 15 a 17
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico
Xurxo Ayán Vila / José M^a. Señorán Martín

CACHIMBOS DE BARRO CAULÍNITICO DA SÉ DA CIDADE VELHA (REPÚBLICA DE CABO VERDE)

Rodrigo Banha da Silva¹, João Pimenta², Clementino Amaro³

RESUMO

Numa cooperação entre as autoridades da República de Cabo Verde e o extinto Instituto Português do Património Cultural, uma escavação arqueológica extensa foi dirigida entre 1989 e 1993 por um dos autores (C.A. – Amaro, 2013) nas ruínas da catedral da antiga cidade da Ribeira Brava.

Os trabalhos revelaram diversos contextos dos séculos XVII e XVIII relacionados com reformas do edifício religioso, providenciando uma valiosa visão sobre a cultura material do período colonial em Cabo Verde. À parte outras evidências de produtos oleiros europeus, foram recolhidos fragmentos de 21 cachimbos, evocativos das realações comerciais entre o Império Português e outros espaços políticos, igualmente sugestivos da frequência do consumo de tabaco na época.

Palavras-chave: Cachimbos cerâmicos, “Cultura Tabágica”, Arqueologia Moderna, Arqueologia Colonial.

ABSTRACT

The authorities of the Republic of Cape Verde and the former Portuguese institute of heritage (IPPC) cooperate to do an archaeological excavation between 1989 and 1993 in the ruins of the Cathedral of “Cidade Velha”, the former main religious spot of the archipelago, under the direction of one of the authors (C.A. – Amaro, 2013).

The work revealed several contexts connected with reformations of the religious temple dating from late 17th and 18th century, providing an insight on material culture of the colonial period in Cape Verde Archipelago. Clay tobacco pipe sherds were identified, displaying some data related to commercial links between the Portuguese Empire and other European spaces, as well as suggestive of the frequency of tobacco consumption in Cape Verde at the time.

Keywords: Clay Tobacco Pipes, “Tobacco Culture”, Early Modern Archaeology, Colonial Archaeology.

1. INTRODUÇÃO

Ao abrigo de um protocolo estabelecido entre as autoridades da cultura da República de Cabo Verde e o então Instituto Português do Património Cultural (IPPC), realizaram-se três campanhas arqueológicas dirigidas por um de nós (C.A.), entre 1989 e 1993, nas ruínas da Sé da Cidade Velha, antiga Ribeira Grande, a primeira capital do arquipélago.

De entre o conjunto de construções da antiga capital colonial de Cabo Verde ao longo da Época Moderna, a Sé resultou de um vector da política de D. João

III de criação de sete novas dioceses, para o que o monarca foi obtendo a necessária autorização papal (Ribeira Grande e Goa – 1533; Angra do Heroísmo – 1534; Miranda do Douro e Leiria – 1545; Portalegre – 1549; São Salvador da Baía-1551 – MIMOSO, 1996: p.10). Os projectos de algumas destas novas catedrais do tipo igreja-salão de três naves mostram as afinidades fortes e evidentes entre as sés da Ribeira Grande, Portalegre, Leiria e Miranda do Douro (Mimoso, 1996). A construção da Sé da Cidade Velha só seria mais tarde projectada e iniciada somente em 1556-8. Contudo, a despeito de fortemente fi-

1. CHAM-FCSH/UNL e Uaç; rbds@fcsh.unl.pt

2. UNIARCH-FLUL; joao.marques@cm-vfxira.pt

3. Associação Olisipo Forum

nanciada, não seria todavia concluída, detendo-se a edificação cerca de 1571 (Mimoso, 1996, p. 16). Deste modo se aproveitaram nos finais do século XVII as paredes externas entretanto esgalgadas para acondicionar um outro modelo arquitectónico de nave única, sendo que a construção por fim se terminaria antes de 1705 (Mimoso, 1996, p. 38)

Em progressivo estado de ruína, a Sé da Cidade Velha seria portanto alvo da intervenção articulada entre as autoridades da cultura da República de Cabo Verde e o extinto IPPC, e iria permitir a reabilitação e consolidação deste espaço emblemático, marcando o início de um conjunto de diversificadas iniciativas e estabelecimento de protocolos de colaboração que se alargaram a vários pontos da antiga cidade (Tavares, 2017), culminando este processo com a classificação da Cidade Velha pela UNESCO como Património Mundial da Humanidade, em 2009, e a reposição do município, com a designação de *Ribeira Grande de Santiago*.

A intervenção arqueológica na Sé foi centrada, numa primeira fase, no desentulhamento do espaço interior da sé, antecedido pela remoção de cerca de duas centenas e meia de cantarias e elementos arquitectónicos e escultóricos que, nesta fase, são deslocados para o antigo adro da Sé, onde se procedeu ao seu inventário e registo fotográfico.

Com a segunda campanha deu-se início a um conjunto de sondagens, preferencialmente destinadas ao reconhecimento da estabilidade e assentamento das fundações das paredes estruturais e pilares, acção que decorreu em articulação com a equipa de engenharia. Procedeu-se, em simultâneo, à realização sondagens pontuais, como na capela-mor, e uma limpeza e decapagem geral, mais fina, de todo o espaço interior.

Esta acção permitiu a identificação do alinhamento dos pilares de sustentação das três naves do templo, dos alicerces das capelas laterais, lado norte, bem como a definição integral do transepto e do embasamento das torres sineiras, dados disponibilizados à equipa de arquitetura, para retificação do levantamento inicial.

O Gabinete Técnico de apoio à obra, vai ser igualmente utilizado como um depósito visitável de cantarias e elementos escultóricos, entretanto aqui recolhidos, como de doações por parte da população, para além de aqui se proceder ao inventário, tratamento e conservação do espólio cerâmico, dos elementos pétreos, madeiras, ferros, argamassas e espólio osteológico.

Na fase final da intervenção, procedeu-se ao desaterro da envolvente exterior à capela-mor e à recuperação do soco primitivo do edifício, após significativa remoção de aterros. Nesta acção, são recuperados os alicerces e soleiras de porta de duas salas laterais à capela-mor, lado sul, correspondendo à sacristia e sala anexa.

Foi tomada a iniciativa de se proceder ao preenchimento de espaços vazios nas paredes mais altas a fim colmatar uma visível degradação, para o que foi contratado um pedreiro local, familiarizado com a construção de alvenaria em pedra e a utilização de argamassa de base tradicional.

Sendo o território cabo-verdiano sujeito a ventos fortes em determinados meses do ano, e como resultado da ausência dos pisos, que teriam sido em tijoleira, optou-se por cobrir integralmente o espaço interior com areia do rio de origem vulcânica, num diálogo de contrastes entre o tom negro da areia e o tom claro do edificado em calcário.

2. OS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO NA SÉ DA CIDADE VELHA

Do conjunto dos túmulos identificados nas sondagens abertas junto à face interna das paredes e dos pilares das naves, da maioria já só subsistia o covacho, muitas vezes com a presença ainda de nódulos de cal, e onde o espólio associado se limita a alfinetes do sudário, escassos fragmentos de tecido e várias dezenas contas de rosário. Registámos igualmente dois ossários. Um significativo número de tampas sepulcrais e outros elementos pétreos foram reutilizados na construção de casas, nomeadamente a partir das primeiras décadas do século XX, como constatámos em duas habitações contíguas à Sé.

Foram, no entanto, identificadas três sepulturas com a respetiva tampa lavrada e com dedicatória. Refere-se uma delas ao capitão-mor António José Xavier, falecido em 1755, e uma segunda ao coronel Manuel Dias de Moura, falecido em 1818 e de sua mulher.

O grande destaque, no entanto, e com impacto local, foi a identificação da caixa tumular e respetiva tampa sepulcral do primeiro bispo residente de Cabo Verde, D. João Parvi, que foi sepultado na Igreja de Nossa Senhora do Rosário em 1546 e depois trasladado para a sepultura de D. Fr. Vitoriano Portuense, bispo que concluiu as obras da Sé e falecido em 1705. O túmulo encontra-se em posição central na capela-mor e estava ladeado pelo cadeiral.

No decurso da terceira campanha, na nave lateral norte, foi identificada uma estrutura com planta em U, desalinhada com a orientação da sé e que se interpretou como sendo os alicerces de um pequeno templo que existiu neste local no início do século XVI, fora da cidade, e de invocação a São Sebastião, ficando a sua memória ligada ao nome do bairro onde veio a construir-se a Sé.

O espólio exumado caracteriza-se maioritariamente pela sua modéstia, encontrando-se associado aos enterramentos, nomeadamente das sondagens junto aos pilares, como alfinetes, medalha, contas de rosário em osso e escassas em vidro, e alguns numismas. Na torre sul foi recuperada uma pulseira em prata e coral, e na torre norte uma tampa em bronze de vaso litúrgico.

O único local identificado com uma diversidade de espólio algo significativo, correspondeu ao aterro que nivelou, em certo momento, o espaço compreendido entre o embasamento dos degraus de acesso ao altar e a parede de fundo da capela-mor.

A sondagem revelou uma vasta profusão de materiais em deposição secundária, oriundos duma presumível lixeira. Do conjunto, destacamos a presença de porcelana da China, faiança portuguesa e espanhola e, presumivelmente, italiana, loiça vidrada, cerâmica modelada e pedrada, alguma cerâmica comum de ir à mesa, base de fogareiro, anforetas de produção andaluz, algumas marcas de jogo e um pequeno conjunto de cachimbos, objeto do presente estudo.

Proveniente ainda do aterro de nivelamento, destaca-se um significativo conjunto de cerâmica de tradição africana, fabricada ao torno lento ou de modelagem manual, a partir da técnica do rolo, e de cozedura redutora (Amaro, 2013).

Em termos globais, o espólio exumado é enquadrável num período entre a segunda metade do século XVI até finais do século XVII.

Da modesta coleção de numismas exumados no decurso da intervenção, e que apresenta uma cronologia de meados do século XVI à 1ª República, merecem destaque *III reis* de D. Pedro II (1699) exumados na sondagem de acesso ao túmulo do bispo, sendo passível de associar este achado com o momento de transladação do primeiro bispo de Cabo Verde (Amaro, 2013).

3. O CONJUNTO DE CACHIMBOS RECOLHIDO NAS ESCAVAÇÕES DE 1989-1993 DA SÉ DA CIDADE VELHA

O conjunto é formado por 28 fragmentos atribuíveis a um mínimo de 21 exemplares de cachimbo produzidos com argilas caulínicas. Entre estes contam-se duas porções decoradas da haste e 8 fragmentos conservando parte ou a totalidade do forninho, elementos mais qualificados para uma atribuição cronológica e de origem. Entre os indivíduos encontram-se quatro ostentando marcas no pedúnculo que permitem situar com total segurança os respectivos oleiros e/ou centros produtores, ilustrando no momento a exclusividade no local de produções holandesas e britânicas, igualmente discerníveis através da tipologia das decorações das hastes e das morfologias dos forninhos.

Dos diversos contextos onde foram exumados fragmentos de cachimbo, apenas para os achados relacionados com a capela-mor se poderá propor uma cronologia, já que os materiais que se encontram associados, apontam para datações entre a segunda metade do século XVI até finais do século XVII. As obras de conclusão da Sé também reforçam esta data limite, já que as mesmas terão terminado em finais do século XVII. Em sentido contrário, os elementos cronológicos proporcionados pelos cachimbos não contradizem esta leitura produzida com base estratigráfica.

3.1. Catálogo

1. Fragmento de haste de cachimbo em cerâmica.

Fragmento da parte mesial da haste, de secção ovalada e mostrando vestígios do alisamento externo, preservando 45 mm de comprimento. O perfil mostra muito ligeira tendência convergente e arqueada. A pasta é caulínica, um pouco granulosa, de coloração branca e tonalidade amarfina.

Dimensões: espessura mín. = 6,7 mm; espessura máx. = 7,8 mm; diâmetro do orifício int. = 3 mm.

Indicações contextuais: Altar-Mór / Corredor Sul / Altar (n.º Inv: CV/90/15).

2. Fragmentos de haste de cachimbo em cerâmica.

Dois fragmentos com colagem da parte mesial da haste, de secção quase circular e mostrando vestígios do alisamento externo, com algumas estrias, preservando 65 mm de comprimento. Como o an-

terior, o perfil mostra ligeira tendência convergente e arqueada.

Pasta similar ao número anterior.

Dimensões: espessura mín. = 7 mm; espessura máx. = 7,7 mm; diâmetro do orifício int. = 3,1 mm.

Indicações contextuais: Altar-Mór / Corredor Sul / Altar (n.º Inv: CV/90/11462).

3. Fragmento de haste de cachimbo em cerâmica.

Fragmento da parte mesial da haste, de secção circular, com vestígios do alisamento externo, preservando 43 mm de comprimento. O perfil mostra-se ligeiramente convergente.

Pasta similar à dos números anteriores.

Dimensões: espessura mín = 7 mm; espessura máx. = 7,8 mm; diâmetro do orifício int. = 2,7 mm.

Indicações contextuais: Altar-Mór / Decapagem do A.M. (n.º Inv: CV/89/7478).

4. Fragmento de haste de cachimbo em cerâmica.

Fragmento da parte mesial da haste, de secção circular, com vestígios do alisamento externo, preservando 22 mm de comprimento. O perfil mostra-se ligeiramente convergente.

Pasta similar à dos números anteriores, um pouco alterada na superfície.

Dimensões: espessura = 9,2 mm; diâmetro do orifício int. = 2,9 mm.

Indicações contextuais: Capela-Mór/ Enchimento da caixa central (n.º Inv: CV/89/7071).

5. Fragmento de haste de cachimbo em cerâmica.

Fragmento da parte mesial da haste, de secção circular, com vestígios do alisamento externo, preservando 56 mm de comprimento. O perfil mostra-se ligeiramente paralelo.

Pasta similar à dos números anteriores. A superfície apresenta-se esboçada.

Pode fazer parte do mesmo cachimbo apresentado de seguida.

Dimensões: espessura = 5,7 mm; diâmetro do orifício int. = 2,0 mm.

Indicações contextuais: Torre Sul / G15 / plano o / Camada 1 (s/n.º Inv.).

6. Fragmento de haste de cachimbo em cerâmica.

Fragmento da parte mesial da haste, de secção circular, com vestígios do alisamento externo, preservando 28 mm de comprimento. O perfil mostra-se ligeiramente convergente.

Pasta similar à dos números anteriores, um pouco alterada na superfície.

Pode fazer parte do mesmo cachimbo apresentado antes.

Dimensões: espessura = 5,8 mm; diâmetro do orifício int. = 2,4 mm.

Indicações contextuais: Torre Sul / G15 / plano o / camada 1 (s/n.º Inv.).

7. Fragmento de haste de cachimbo em cerâmica.

Fragmento da parte mesial da haste, de secção circular, com vestígios do alisamento externo, com estrias, preservando 29 mm de comprimento. O perfil mostra-se paralelo.

Pasta similar à dos números anteriores.

Dimensões: espessura = 6,2 mm; diâmetro do orifício int. = 2,0 mm.

Indicações contextuais: Sepultura 1 / F18 E (n.º Inv: CV.SÉ 1-198).

8. Fragmento de haste de cachimbo em cerâmica.

Fragmento da parte distal da haste, de secção circular, com vestígios do alisamento externo, preservando 22 mm de comprimento. O perfil mostra-se paralelo, com marcada divergência na parte mais distal da junção com o formilho.

Pasta depurada, de coloração acinzentada clara, mostrando textura granulosa e fractura nítida.

Dimensões: espessura = 9,2 mm; diâmetro do orifício int. = 2,0 mm.

Indicações contextuais: Quadrícula P13 / Camada 1 (n.º Inv: CV.SÉ/ PB 1-2).

9. Fragmento de haste de cachimbo em cerâmica.

Fragmento da parte distal da haste, de secção circular, com vestígios do alisamento externo, preservando 40 mm de comprimento. O perfil mostra-se convergente.

Pasta depurada, granulosa, de coloração branco-marfim.

Dimensões: espessura = 8,0 mm; diâmetro do orifício int. = 3,1 mm.

Indicações contextuais: Pilar F / Camada 2 (n.º Inv: CV.SÉ/3-206).

10. Fragmento de haste de cachimbo em cerâmica.

Fragmento da parte mesial da haste, de secção quase circular, com vestígios do alisamento externo, preservando 40 mm de comprimento. O perfil mostra-se paralelo.

Pasta como a do número anterior.

Dimensões: espessura = 9,4 mm; diâmetro do orifício int. = 2,9 mm.

Indicações contextuais: Descontextualizado (n.º Inv: CV.SÉ/3-195).

11. Fragmento de haste de cachimbo em cerâmica.

Fragmento da parte distal da haste, de secção circular, com vestígios do alisamento externo, preservando 44 mm de comprimento. O perfil mostra-se paralelo, com marcada divergência na parte mais distal da junção com o formilho.

Pasta como a dos números anteriores, mas com as superfícies um pouco alteradas.

Dimensões: espessura = 9,9 mm; diâmetro do orifício int. = 3,0 mm.

Indicações contextuais: Pilar F / Camada 2 (n.º Inv: CV.SÉ/3-50).

12. Fragmento de haste de cachimbo em cerâmica.

Fragmento da parte mesial da haste, de secção circular, com vestígios do alisamento externo, preservando 53,5 mm de comprimento. O perfil mostra-se paralelo. A superfície externa mostra uma decoração alternando círculos e denticulados, impressa com roletilha. Este tipo de ornamentação da haste foi usada intensivamente pelos fabricantes de Gouda (Países Baixos) entre os séculos XVII e XIX. Todavia, as características da haste denunciam uma elaboração que poderá datar de 1690, pelo menos, sendo admissível datas de até c.1780, pelo mais (DUCO, 2003: pp. 204-207).

Pasta como a dos números anteriores.

Dimensões: espessura = 7,5 mm; diâmetro do orifício int. = 2,4 mm.

Indicações contextuais: Sacristia / Camada 2 (desentulhamento) (S/n.º Inv).

13. Fragmento de haste de cachimbo em cerâmica.

Fragmento da parte distal da haste, de secção circular, com vestígios do alisamento externo, preservando 53,5 mm de comprimento. O perfil mostra-se ligeiramente divergente, mais acentuado na zona de junção com o forninho. A superfície externa mostra uma decoração impressa com punção, com flor-de-lis inscrita em losângulo delimitado por cercadura, repetida por quatro vezes e com disposição em cruz, denotando vestígios da repetição deste tipo de decoração de que restou somente a parte superior de um outro losângulo com a parte superior da flor-de-lis.

A morfologia da haste, em particular as suas dimensões, como a temática ornamental, apontam para tratar-se de uma elaboração oriunda da cidade holandesa de Gouda, com maior probabilidade datada de cerca de 1640/1650 (DUCO, 2003: pp. 202-203). Pasta como a dos números anteriores.

Dimensões: espessura = 9,4 mm; diâmetro do orifício int. = 3,0 mm.

Indicações contextuais: Altar-Mór / Camada 2 (desmontagem) (n.º Inv: CV.SÉ/3-23).

14. Fragmento de forninho e haste de cachimbo em cerâmica.

Fragmento conservando parte do forninho, dotado de pedúnculo cilíndrico, também truncado, e da parte distal terminal da haste, de secção de tendência ovalada, com vestígios do alisamento externo, preservando aquela 36,5 mm de comprimento. O perfil da haste é quase paralelo, mas ligeiramente divergente da zona terminal distal para a mesial.

Pasta como a dos números anteriores.

Dimensões: espessura da haste = 9,5 mm; diâmetro do orifício int. = 2,9 mm.

Indicações contextuais: Altar-Mór / Camada 2 (desmontagem) (n.º Inv: CV.SÉ/3-22).

15. Fragmento de forninho de cachimbo em cerâmica.

Fragmento conservando parte do forninho.

Pasta como a dos números anteriores.

Indicações contextuais: Nave lateral Sul / G17 / plano 0 / Camada 1 (S/n.º Inv.).

16. Fragmento de forninho de cachimbo em cerâmica.

Fragmento conservando o forninho, em “forma de tília”, e vestígios do arranque da haste. Na face externa da boca ostenta decoração de filete executado com roletilha fina. O pedúnculo é baixo e quase circular, ostentando a marca executada a punção RT. Pasta similar à dos números anteriores.

Dimensões: altura máxima = 31,7 mm; diâmetro interno da boca: 13,1 mm.

Indicações contextuais: Quadrícula P13 / Camada 1 (n.º Inv: CV.PB 1-3).

17. Fragmento de forninho de cachimbo em cerâmica.

Fragmento conservando a parte inferior do forninho, em “forma de tília”, o arranque da haste. Esta é de secção ovalada, preservando somente 4,4 mm de comprimento. O pedúnculo é baixo e quase circular, ostentando a marca executada a punção AL/+.

Pasta similar à dos números anteriores.
Dimensões: altura máxima preservada = 29,1 mm; espessura máxima da haste = 11,4 mm; diâmetro do orifício int. = 2,6 mm.
Indicações contextuais: sem indicação.

18. Fragmento de forninho de cachimbo em cerâmica. Fragmento conservando parte do forninho, em “forma de tulpia” alta, e vestígios do arranque da haste. Na face externa da boca ostenta decoração de filete executado com roletilha fina. O pedúnculo é baixo e oval, isento de marca. A morfologia do forninho, caracteristicamente holandesa, aponta para uma cronologia em torno de 1640/1650 (Duco, 2003: p. 203). Pasta similar à dos números anteriores.
Dimensões: altura máxima = 34,3 mm; diâmetro interno da boca: 12,8 mm.
Indicações contextuais: Sem indicação (n.º Inv: CV.SÉ 3-24).

19. Fragmento de forninho de cachimbo em cerâmica. Fragmento conservando o forninho, alto e em forma de campânula, com vestígios do arranque da haste. Na face externa da boca mostra desbaste resultante de afeiçoamento no momento do fabrico. O pedúnculo é alto e cilíndrico. Na face esquerda do pedúnculo mostra marca em relevo composta por três pontos circulares alinhados. A haste era de secção circular. Pasta similar à dos números anteriores.
Dimensões: altura máxima = 38,4 mm; espessura máxima da haste = 8,3 mm; diâmetro do orifício int. = 2,2 mm.
Indicações contextuais: Pilar F / Camada 2 (n.º Inv: CV.SÉ 3-51).

20. Fragmento de forninho de cachimbo em cerâmica. Fragmento da boca e parede de forninho, alto e em forma de campânula. A boca ostenta decoração de filete fino executado a roletilha.
Pasta similar à dos números anteriores.
Dimensões: altura máxima conservada = c. 43 mm.
Indicações contextuais: Quadrícula P13 / Camada 1 (n.º Inv: CV.PB 1-4).

21. Fragmentos de forninho de cachimbo em cerâmica. Fragmentos conservando a totalidade do forninho, alto e em forma de campânula, com vestígios do arranque da haste. Na face externa da boca mostra decoração de filete fino executado a roletilha. O pedúnculo é alto e cilíndrico. Em ambas as faces do pe-

dúnculo estão patentes as armas da cidade de Gouda encimadas pela letra S. A base do pedúnculo mostra a marca impressa a punção com o numeral 54, coroado. A haste era de secção circular.

Pasta similar à dos números anteriores.
Dimensões: altura máxima = 54,0 mm; espessura máxima da haste = c. 8,0 mm; diâmetro do orifício int. = 1,7 mm.
Indicações contextuais: Quadrícula F16 Sul / plano 0 / camada 1 (s/n.º Inv.).

3.2. Marcas e fabricantes

O n.º 16 (Figura 7, n.º 16), equivale a uma produção marcada “RT não coroadado” de Gouda, nos Países Baixos, correspondendo ao punção do fabricante de cachimbos Rogier Tonstal, activo entre 1637/1640 e 1654/1660 (Duco, 1982; 2003, p. 167).

O n.º 17 (Figura 7, n.º 17) ostenta a marca AL/+. Trata-se de impressão usada em fabricos sediados em Chester (Inglaterra), estratigraficamente situados no lapso 1630-1680 (Rutter & Davey, 1980). No caso presente, a morfologia do forninho e a impressão enquadram-se no lapso de 1640-1680 (Rutter & Davey, 1980, p. 217).

19, por seu turno, equivale a um tipo de marca presente em várias produções europeias, sem que se lhe possa atribuir categoricamente uma origem a partir do punção. A morfologia do forninho, todavia, sugere um fabrico inglês datado dos finais do século XVII. Já o n.º 21 ostenta em ambas as laterais do pedúnculo as armas da cidade de Gouda (Países Baixos), encimada pela letra S, que lhe atestava a qualidade inferior. Na base foi aplicado o punção com o numeral “54 coroadado”, utilizado durante um período longo pelos fabricantes da cidade holandesa, entre 1685 e 1940 (Duco, 2003, p. 193). Dentro deste lapso de tempo, 7 fabricantes usaram o punção, sendo de excluir todos os que não são compatíveis com a cronologia denunciada pela morfologia do forninho, setecentista. Deste modo se apura dever corresponder a um produto fabricado por Dirck de Jong, que laborou entre 1685 e 1728 (Duco, 2003, p. 193).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pequeno conjunto de 21 indivíduos recolhidos nas escavações arqueológicas da Sé da cidade antiga da Ribeira Grande (Cidade Velha), capital colonial do arquipélago de Cabo Verde durante a Época Moderna, permite um conjunto de inferências rele-

vantes quer quanto às conexões comerciais mantidas pelo arquipélago, quer em relação aos contornos sociais do consumo do tabaco nos séculos XVII e XVIII em Cabo Verde.

O consumo do tabaco mediante o uso de cachimbo é um fenómeno onde a Inglaterra e a Holanda jogam um papel fundamental, aí se iniciando a partir dos inícios do último quartel do século XVI o fabrico em escala do objecto, não se estranhando por isso a ausência de execplares com estas cronologias nos contextos arqueológicos cabo-verdianos. Os dados da Sé, aliás, parecem corroborar o panorama reinol, em particular lisboeta, onde os dados de maior antiguidade parecem não remontar com anterioridade a cerca de 1630/1640 ((Pimenta, Calado & Silva, 2008; Calado *et al.*, 2013).

É a partir do segundo terço do século XVII que o registo arqueológico da Sé assinala e atesta a disseminação do consumo tabágico mediante cachimbo cerâmico, que além disso regista uma predominância seiscentista em resultado da própria estratigrafia exumada, fortemente condicionada pela história da Sé que, recorde-se, somente se inaugura algures entre 1699 e antes de 1705.

Ora, é do maior interesse arqueológico situar esta atestação de cachimbos em relação ao conhecimento histórico existente da população da cidade da Ribeira Grande, de maneira a se aferir o perfil social do consumo atestado pela arqueologia. . .

Assim, na transição do século XVI para o século XVII, após a deslocação do centro nevrálgico do comércio escravo de Cabo Verde para a costa continental africana, inicia-se um processo de decadência urbana com o abandono dos armadores e grandes comerciantes, formando-se na cidade da Ribeira Grande uma outra camada social composta por intermediários comerciais, tais como feitores e procuradores de grandes mercadores reinóis, pequenos parceiros de mercadores estrangeiros (Cabral, 1995). Neste quadro se verifica, *in absentia*, a ascensão de uma elite mestiça, de tal forma que à chegada dos Jesuítas, em 1617 se declara que na composição do concelho camarário “*chegou a terra a tais termos que quantos ha hoje na Câmara são crioulos*” (Arsi, Lus., Cód. 74, fls. 141-143 v, 27 de Junho de 1617 in Brásio, 1968: p. 613. *apud* Cabral *et al.* 2012: p. 8), uma nova elite urbana de um aglomerado que passara dos 500 vizinhos nos meados do séc. XVI a 15/16 brancos de Portugal e 35 da terra, crioulos, em 1630 (excluindo-se escravos, decerto pouco numerosos –

Cabral *et al.* 2012). É portanto a esta composição social, incluindo aqui os escravos africanos da Ribeira Grande, que se deverá cometer o uso dos cachimbos exumados na Sé da Cidade Velha.

Afortunadamente, as evidências arqueológicas cabo-verdianas apontam categoricamente para o cachimbo e o consumo tabágico se terem disseminado no século XVII aos mais variados níveis sociais, devendo-se a este propósito invocarem-se os dados valiosos colectados no “concheiro” da Baía de Salamansa, na Ilha de São Vicente pelas escavações de João Luís Cardoso, onde se identificou um fundo de cabana com o mesmo tipo de associação material presente na Sé da Cidade Velha, e que incluía três cachimbos cerâmicos cauliníticos, dois dos quais equivalentes a porções com forninho do séc. XVII, de provável fabrico britânico (Cardoso & Soares, 2010: p. 198, fig. 27 e p. 199).

O acesso pela comunidade da Cidade Velha às importações britânicas e holandesas, no caso da Sé comprovadas por uma impressão de Chester (Inglaterra) e três de Gouda (Países Baixos), não surpreende, dado o carácter de importante escala desempenhado por Cabo Verde em Época Moderna no âmbito da navegação triangular atlântica. A atestação cabo-verdiana pode, contudo, reflectir no todo ou em parte um fenómeno muito mais amplo. Não se tendo conseguido aceder a mais dados de natureza arqueológica, o exemplo estudado do entreposto dinamarquês de Christiansborg Castle (Gana) revelou uma presença muito numerosa de cachimbos desde os finais do século XVII, que só se pode justificar pelo seu uso instrumental no comércio escravagista praticado pelos escandinavos do Golfo da Guiné (Engmann, 2018). Sintomaticamente, o registo manuscrito de um navio negreiro danês de 1770, assinala que o vaso transportava 360 “cachimbos longos” e 228 “cachimbos de escravos”, destinados a serem distribuídos pelo capitão um a cada escravo, a que se acrescentava uma dose diária de tabaco – excepto aos sábados – ao longo de todo o trajecto da viagem até ao continente americano (Handler, 2009, p. 9 *apud* Engmann, 2018, p. 48). É admissível que o tipo de prática fosse bem mais generalizado pelos negreiros dos séculos XVII e XVIII e que seja por essa via o cachimbo tenha sido incorporado nos hábitos das populações cabo-verdianas.

O uso de cachimbo entre a comunidade da Ribeira Grande, portanto, terá constituído um traço da “bri-colage cultural” operacionalizada no aglomerado

urbano da Ilha de Santiago, um elemento da composição do “patchwork cultural” (para usar aqui felizes expressões a um outro muito distinto propósito inauguradas por Nicola Terranato – 1998) que caracteriza a identidade cabo-verdiana seiscentista.

BIBLIOGRAFIA

AMARO, Clementino (2013) – “Sé da Cidade Velha, República de Cabo Verde”, in A. Teixeira e J Bettencourt (coord.), *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna*, vol. 1. Lisboa, Centro de História de Além Mar, pp. 452-464.

BRÁSIO, António (1968) – *Monumenta Missionária Africana*, 2ª. série, vol. IV. Lisboa, Agência Geral do Ultramar.

CABRAL, Iva (1995) – “Ribeira Grande: vida urbana, gente, mercancia, estagnação”, in Maria Emília Madeira Santos (coord.) *História Geral de Cabo Verde*. Lisboa, Instituto de Investigação Nacional, vol. II, pp. 225-274.

CABRAL, Iva; SANTOS, Maria Emília Madeira; SOARES, Maria João; TORRÃO, Maria Manuel Ferraz (2012) – Cabo Verde, uma experiência colonial acelerada (séculos XVI-XVII). <http://www.portaldoconhecimento.gov.cv/bitstream/10961/358/1/Cabo%20Verde%20Uma%20Experi%C3%Aancia%20Colonial%20Acelerada%20%28Sec.XVI-VII%29.pdf> [Consultado a 09-03-2020]

CALADO, Marco; PIMENTA, João; FERNANDES, Lidia; MARQUES, António (2013) – Os cachimbos cerâmicos do Palácio Marialva”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: 16, pp. 383-392.

CARDOSO, João Luís; SOARES, António Manuel Monge (2010) – “A estação arqueológica de Salamansa (ilha de São Vicente, República de Cabo Verde)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*: 13. Lisboa, pp. 167-214.

DUCO, Don H. (1982) – *Merken van Goudse Pijpenmakers 1660-1940*. Amsterdam: Pijpenkabinet.

DUCO, Don H. (2003) – *Merken in merkenrecht van de pijpenmakers in Gouda*. Amsterdam: Pijpenkabinet.

ENGMANN, Rachel Ama Asaa (2018) – “Dutch Clay Smoking Pipes from Christiansborg Castle, Ghana, West Africa”. *Society for Clay Pipe Research Newsletter*: 93. 40-52.

MIMOSO, Alexandre Brás (2016) – “Interpretação e consolidação da Sé da Cidade Velha em Cabo Verde”, *Sumara*. Cidade da Praia: Fundação João Lopes, ano II, n.º 2 (https://www.academia.edu/39530791/Interpreta%C3%A7%C3%A3o_e_consolidada%C3%A7%C3%A3o_da_S%C3%A9_da_Cidade_Velha_em_Cabo_Verde) [Consultado a 09/03/2020].

PIMENTA, João; CALADO, Marco; SILVA, Rodrigo Banha da (2008) – “Cachimbos de cerâmica provenientes da escavação do Caminho da Ronda no Castelo de São Jorge, Lisboa”, in Hélder Abraços e João Diogo (Eds.) *Actas das 4ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval (Tondela, 2000)*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 335-353.

RUTTER, Janet; DAVEY, Peter (1980) – ‘Clay pipes from Chester’, in P. Davey (ed.) *The Archaeology of the clay tobacco pipe III Britain: the north and west*. Oxford, BAR British Series: 78, pp. 40-272.

TAVARES, Nireide Pereira(2017) – Inventário Arqueológico de Cabo Verde: contributo para uma ferramenta de gestão e valorização do Património Cultural. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras (dissertação de mestrado – https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28730/1/ulfl234009_tm_Vol-%20I.pdf) [Consultado a 10/06/2020].

TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José(coord.) (2013) – *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna*, vol.1. Lisboa, Centro de História de Além Mar.

TERRANATO, Nicola (1998) – “The Romanization of Italy: Global Acculturation or Cultural Bricolage?”, in *TRAC 97: Proceedings of the Seventh Annual Theoretical Roman Archaeology Conference, Nottingham 1997*. Oxford: Oxbow Books, pp. 20-27.



Figura 1 – República de Cabo Verde e sul da Ilha de Santiago com localização da Cidade Velha.



Figura 2 – Planta da Cidade de Ribeira Grande («Cidade Velha») de José Carlos Andreias, 1769 (Arquivo Histórico Ultramarino, s/n.º). (Segundo Mimoso, 2016, p. 39, fig.27).



Figura 3 – Detalhe da planta anterior com a localização da Sé (Idem: p. 39, fig. 28).

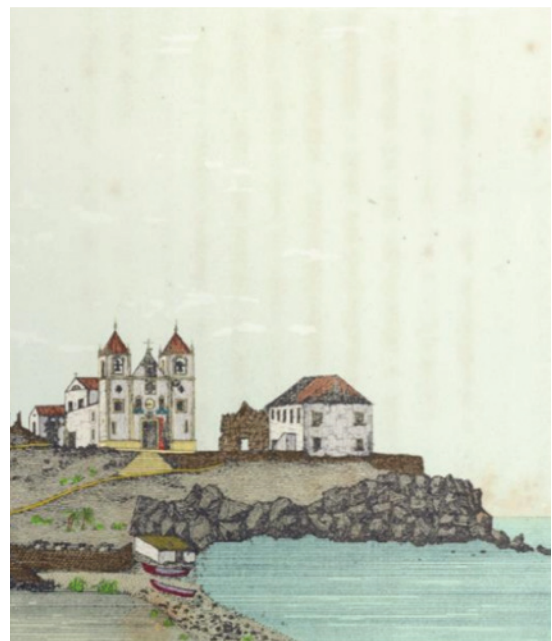


Figura 4 – Detalhe com a fachada da Sé de gravura de Francico Travassos Valdez, 1869 (Idem: p. 43, fig. 29).

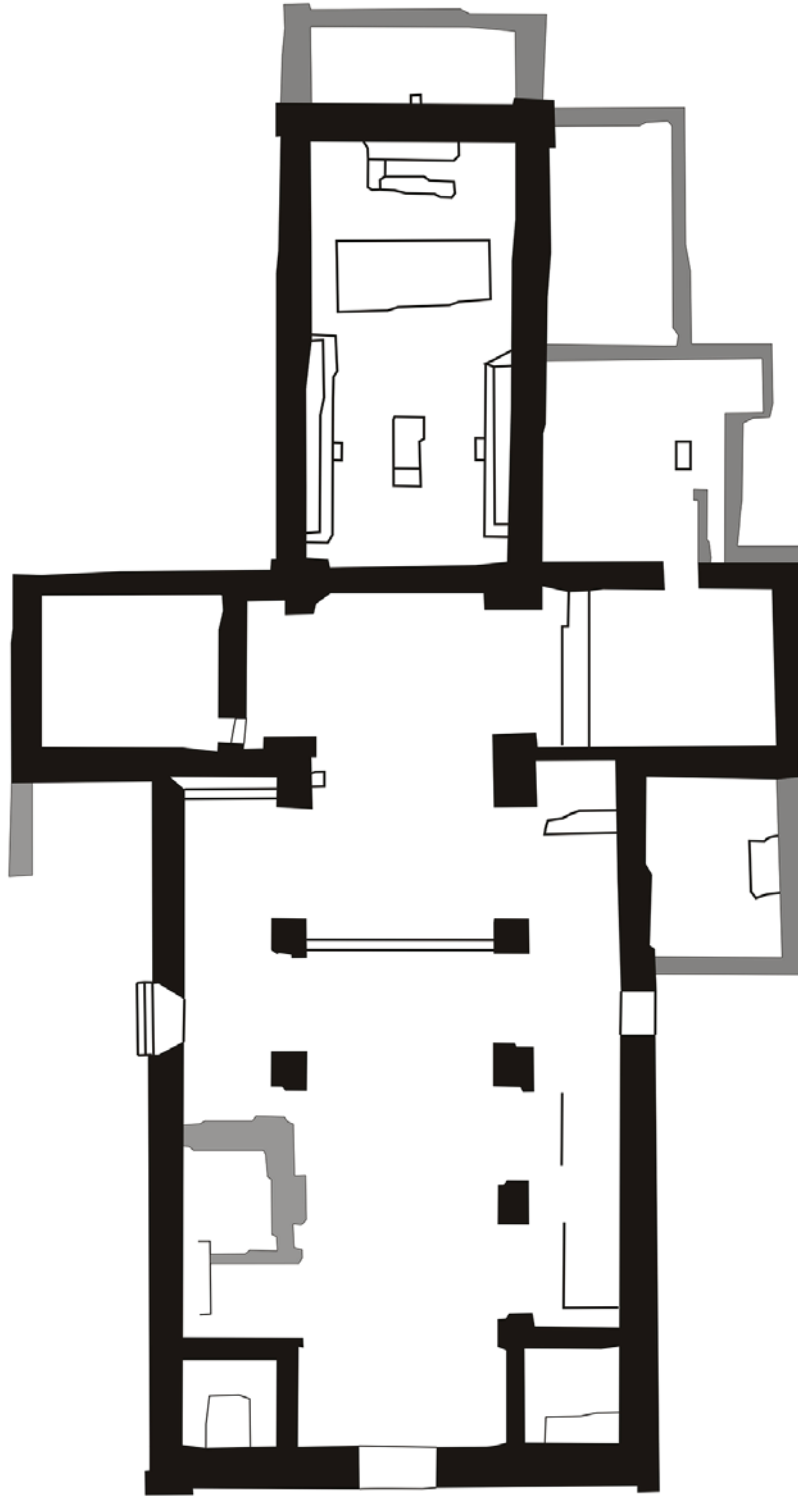


Figura 5 – Planta simplificada da Sé da Cidade Velha (Segundo levantamento da Univ. Beira Interior, adaptada).

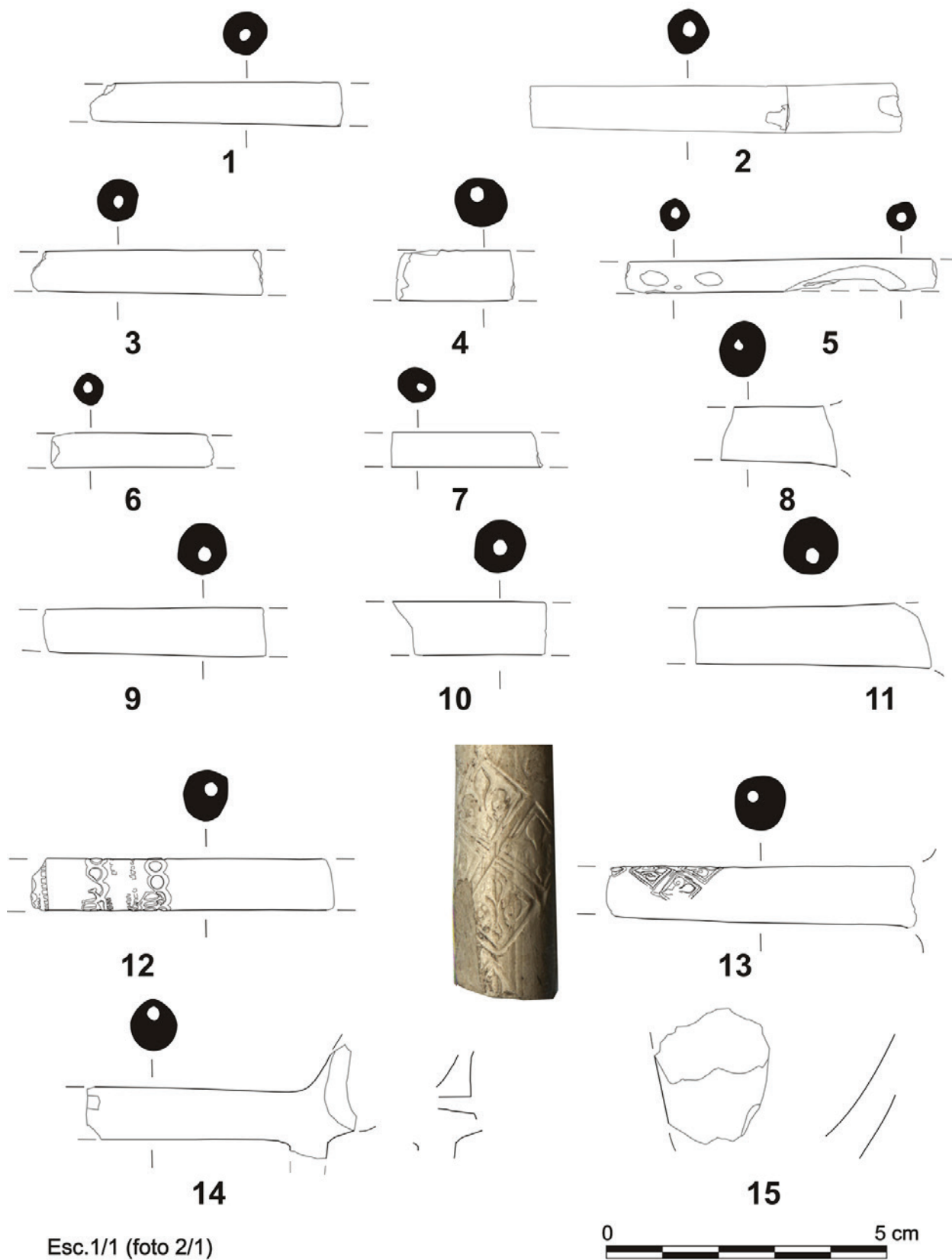


Figura 6 – Fragmentos de haste ou haste e forninho de cachimbo em cerâmica caulínica das escavações de 1989-1993 da Sé da «Cidade Velha» (República de Cabo Verde).

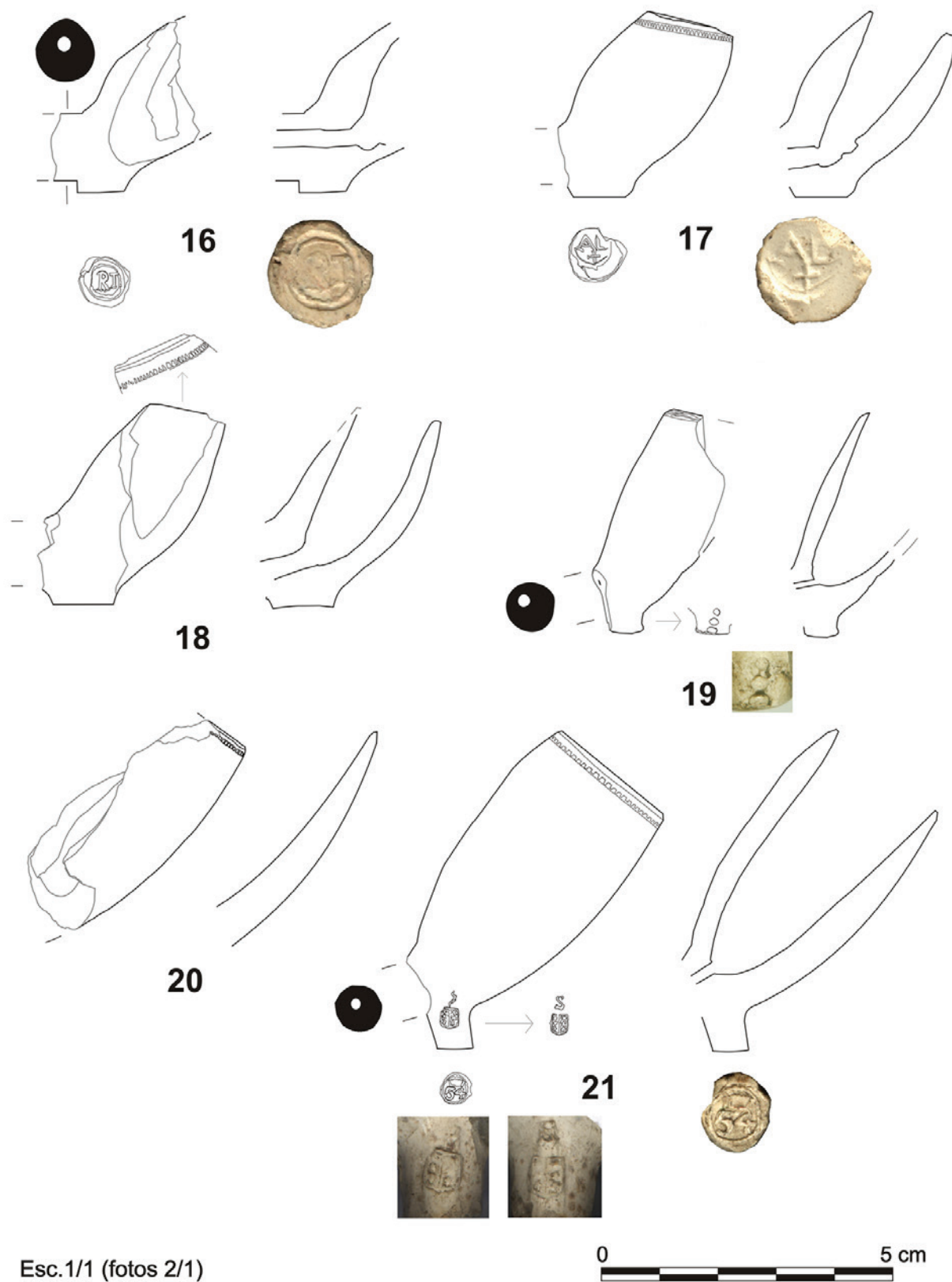


Figura 7 – Fragmentos de forninho de cachimbos em cerâmica caulínica das escavações de 1989-1993 da Sé da «Cidade Velha» (República de Cabo Verde).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

U PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

musaji
Associação de Amadores do Museu de Penafiel

